



A produção de artefatos visuais no campo da surdez: percursos de pesquisa e chaves de leitura¹

**Making visual artifacts in deaf
education: research trail and clues**

Cristiane Correia Taveira²

RESUMO

O problema central está no letramento de alunos surdos, o que levou à reflexão sobre a constituição do pensamento através de signos e seus possíveis significados construídos socialmente. Faz-se a tentativa de preencher a lacuna apontada por Lebedeff (2010) sobre quais seriam as práticas pedagógicas advindas da necessidade discursiva da experiência visual da surdez e a quais eventos de letramento visual se referem esses discursivos.

ABSTRACT

The central concern in this thesis is in the literacy of deaf students, which led to the consideration of the constitution of thought through signs and its possible socially constructed meanings. It is focused on the attempt to fill the gap pointed by Lebedeff (2010) on which would the pedagogical practices be from the discursive need of the visual experience of deafness and to which visual literacy events these discursive.

¹ Tema apresentado no XIV Congresso Internacional do INES (COINES), organizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos e realizado entre os dias 27 e 30 de outubro de 2015, Rio de Janeiro, Brasil.

² Doutora em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio). Professora Adjunta do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DESU/INES). Contato: cristianecorreiataveira@gmail.com.br

tos. Para a compreensão das negociações de sentido, parte-se para a linguagem de interações que é fator fundamental à compreensão da comunicação e da sociabilidade; estas não se concretizam somente por meios e suportes, mas também mediada por interpretações, anseios e conflitos. Considerando que a perspectiva fundamental da didática assume o processo ensino-aprendizagem em sua multidimensionalidade, ou seja, os aspectos político, humano e técnico, como nos indica Candau (2012), enxergá-la junto a uma parte dos instrutores surdos de língua de sinais fez parte da proposta desta pesquisa-ação que demandou filmagens de estilos de aula e de recursos usados em escolas-piloto de Educação Bilíngue no Município do Rio de Janeiro. Justifica-se o esforço de análise e, principalmente, de catalogação dos artefatos encontrados nas escolas públicas municipais cariocas, na qual o pano de fundo não deixa de ser as narrativas surdas, porém não nos prendendo a elas, mas à arte dos surdos e de alguns ouvintes em criar suportes, recursos, práticas pedagógicas que criam outros modos de ensino-aprendizagem em prol de uma didática da invenção surda.

Palavras-chave:

Educação Bilíngue. Letramento visual. Matrizes de Linguagem. Pedagogia Surda. Didática.

courses refer to. To understand the negotiations of meaning, we set out to the language of interactions, which is a key factor in understanding the communication and sociability; these are realized not only by means and media, but also mediated by interpretations, desires and conflict. Whereas basic didactic perspective assumes teaching-learning process in its multidimensionality, i.e. the political, human and technical aspects, as indicated by Candau (2012), it was part of the purpose of this action-research to comprehend it along with some of the Deaf Instructors of the sign language: the lesson styles and the resources used by Deaf Instructors. They are those who managed to promote sign language and deaf culture, with greater effectiveness, as the largest investment of resources in pilot schools of Bilingual Education in the Municipality of Rio de Janeiro. The effort of analysis is justified and especially the cataloging of the artifacts found in the public municipal schools of Rio de Janeiro - core of this thesis - in which the background is nonetheless deaf narratives, but not holding on to them, but to the art of deaf individuals and some listeners in creating means, resources, pedagogical practices that create other approaches to teaching and learning towards a teaching of the deaf invention.

Keywords:

Bilingual Education; Visual Literacy; Language matrices; Deaf Pedagogy; Didactics.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a política de educação bilíngue mediante a educação inclusiva tem se estabelecido também pela contratação de intérpretes educacionais para mediar a educação de crianças surdas matriculadas no ensino regular.

POR QUE A BUSCA PELA PESQUISA-AÇÃO?

O formato de investigação coprodutivo tornou-se o veio central de nossas ações. Constituímos esta coprodução através de processos de comunicação envolvendo os pares e suas necessidades de resolverem problemas, como a busca de quais práticas pedagógicas deveriam ser concretizadas. Este aspecto se deu com a devida valorização dos saberes e das produções de instrutores surdos, professores surdos e não-surdos bilíngues e intérpretes educacionais. Foi preciso tornar outras didáticas também públicas, visíveis (CANDAUI, 2012), sendo necessário teorizá-las densamente.

Inserimo-nos em campo através de imersão profunda, na qual o encontro com os pesquisados se deu e, ainda se dá, de forma presencial e nas redes sociais – *Facebook*, *YouTube*, *Blogs* e *Site* Institucional da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, o “IHA Infor-

ma”³ - e, atualmente, no Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos, DESU-INES.

Questionamo-nos quanto ao espaço-tempo, aos diálogos existentes ou ausentes, ao equilíbrio e ao respeito entre sujeitos-atores na produção e no ordenamento dos conhecimentos e metodologias, tanto de didáticas escolares tradicionalmente usadas, quanto de uma didática e artefatos diferenciados produzidos por surdos⁴.

O QUE COMBINA COM O SUJEITO-ATOR SURDO?

Fez-se a tentativa de preencher a lacuna apontada por Lebdeff (2010), pesquisadora da área do letramento em surdez, sobre quais seriam as práticas pedagógicas advindas da necessidade discursiva da experiência visual da surdez – estratégias ou atividades visuais – e a quais eventos de letramento visual se referem esses discursos.

Desconstruindo as práticas pedagógicas de territórios não-surdos - vivenciadas pelos próprios surdos - e acumulando experiências de/para/com surdos em formação do Ensino Fundamental à Graduação, pretendemos a observação dos artefatos em pleno uso por surdos e

³ No Instituto Municipal Helena Antipoff (IHA), da Secretaria Municipal de Educação do Município do Rio de Janeiro, foram desenvolvidos Grupos de Trabalho (GT) para, coletivamente, reformularmos os documentos de acompanhamento do aluno surdo e organizarmos os textos de orientação sobre o trabalho pedagógico em sala de aula. Um dos dilemas revelados foi o tempo restrito para a busca por recursos e também para as tarefas de redação e divulgação de práticas pedagógicas encontradas no campo. Foi a partir da observação da prática docente, e da emergência em articularmos um veículo alternativo de comunicação, que construímos o site IHA Informa.

⁴ Alguns instrutores e professores surdos têm como diferencial um conjunto de práticas pedagógicas que revelam uma didática diferenciada, uma didática da invenção surda, em que o letramento visual ocupa lugar central.

não-surdos, o que chamamos de uma *didática da invenção surda*. Dividiremos com os leitores deste artigo um mapa mental do microcontexto da prática pedagógica que pode ser útil a outros pesquisadores. Fazemos apenas dois recortes no mapa para observá-lo.

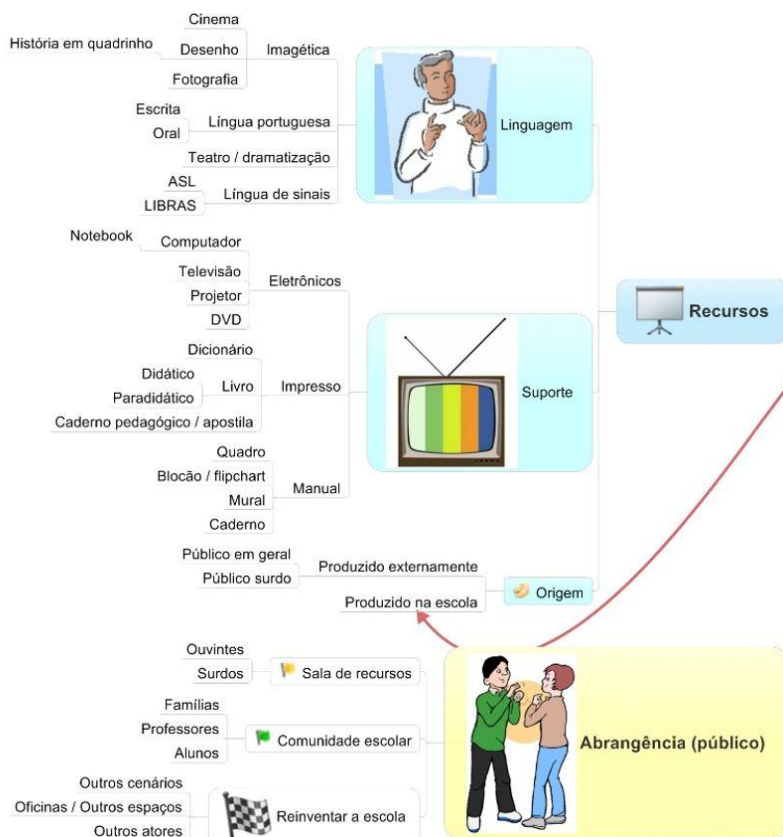


Figura 1 – Recursos (linguagem, suporte); Abrangência (público)



Figura 2 - Atividade (cena); Escola (cenário).

Importou-nos, com maior intensidade, abrir mão da disputa entre línguas e observar o comportamento destas na constituição dos suportes e de recursos referentes aos encadeamentos e às misturas entre imagem e texto, entre matrizes de linguagem.⁵

A insuficiência de base teórica em matrizes de linguagem (sonora, visual e verbal), principalmente no que se refere à visualidade e às mesclas entre as matrizes, nos impulsiona ao preenchimento de tal lacuna. Nossos estudos mostram outros aspectos que permitem outras

⁵ Para Santaella (2005), a multiplicidade de formas de linguagens (literatura, teatro, música, desenho, pintura, gravura, escultura) e os canais em que as linguagens se materializam (foto, cinema, televisão, jornal, rádio), na tendência histórica e antropológica de crescimento cada vez maior desses suportes e meios, demonstra apenas combinações e misturas, hibridismos das três matrizes lógicas de linguagem: verbal, visual e sonora.

formas de abordagem da característica principal da coleção de artefatos produzidos pelos surdos durante a prática pedagógica: o apelo imagético. Este apelo acrescenta outros olhares ao letramento, à leitura, à escrita e à produção literária.

Podemos afirmar que existe uma didática específica desenvolvida em contextos de Educação Bilíngue (Libras, Português) que tem como predominância os processos de letramento visual enriquecidos dos artefatos multimídia contemporâneos (TAVEIRA, 2014).

O que é visual literacy, letramento visual, alfabetismo ou alfabetização visual?

O alfabetismo visual implica compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a certo nível de universalidade. A realização disso exige que se ultrapassem os poderes visuais inatos do organismo humano, além das capacidades intuitivas em nós programadas para a tomada de decisões visuais numa base mais ou menos comum, e das preferências pessoais e dos gostos individuais. (DONDIS, 2007, p. 227).

A alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, (...). Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são os seus modos específicos de representar a realidade. (SANTAELLA, 2012, p. 13).

As pesquisadoras Dondis (2007) e Santaella (2012) nos forneceram as teorizações de base na área de comunicação visual. Para ambas, o letramento visual, alfabetismo ou alfabetização visual significa sistematização e, até mesmo, empoderamento de sujeitos que se apropriam das habilidades e técnicas de leitura de imagens, criando deste modo

um corpo comum, um universal de significações e um refinamento de leitura próprio dos mais cultos, letrados.

Isso esbarra na condição instruída, refinada, preconizada por Donis A. Dondis, da pessoa conscientemente letrada:

É preciso que haja uma grande familiaridade com os elementos visuais. Precisamos conhecê-los "de cor". (...), seu reconhecimento ou sua utilização deve alçar-se a nível mais alto de conhecimento que os incorpore tanto à mente consciente quanto à inconsciente, para que o acesso até eles seja praticamente automático (2007, p. 228).

Para Santaella (2012), o conceito de *visual literacy* (letramento, alfabetização ou alfabetismo visual), quando levado a sério, significaria que, para lermos uma imagem, deveríamos desenvolver a capacidade de desmembrá-la em partes, decodificá-la e mesmo interpretá-la, equivalente ao processo de leitura em voz alta, decifração de código e tradução. Para a autora, isso se referiria a uma atividade didática da alfabetização ou letramento visual.

Dondis (2007) solicita a necessidade de tempo e de envolvimento e vislumbra a promessa de enriquecimento humano com o alfabetismo visual. Santaella (2012) indica que ler uma imagem é dar-lhe o tempo que precisa para falar conosco.

Portanto, para selecionarmos ou criarmos objetos educativos, utilizados em práticas pedagógicas de letramento ou alfabetismo visual, necessitamos ampliar a disposição de tempo e de espaço para codificar e decodificar mensagens visuais. Tal processo dependente da experiência *dos* sujeitos e *com* os sujeitos em campo, nos envolvendo com suas interpretações de mundo para seleção, leitura e significação dessas imagens. A adequação de objetos ao meio cultural e social também tem

influência nos aspectos relacionados à comunicação e ao processo de ensino-aprendizagem.

O QUE SIGNIFICA, AFINAL, SER LETRADO PARA O SURDO?

O letramento da pessoa surda, ou o que significa ser letrado para um surdo, está em jogo diante do discurso e da prática de didáticas visuais diferenciadas. Isto demanda o entendimento de letramento visual no contexto da surdez.

Antes da essencialização do conceito de *visualmente letrado* e das respectivas técnicas necessárias para atingir tal objetivo, pensamos no empoderamento de professores surdos e não-surdos bilíngues (Libras, Língua Portuguesa), através do acesso à diversidade de expressões, estilos e modos de expressão da(s) cultura(s) surda(s) e não-surda(s). Dondis (2007, p. 231) afirma que “só os visualmente sofisticados podem elevar-se acima dos modismos e fazer os próprios juízos de valor sobre o que consideram apropriado e esteticamente agradável”. Tal afirmação nos deixa preocupados pela pouca vivência estética encontrada.

Para concebermos o que significa ser letrado para o sujeito surdo, precisamos elencar alguns pontos.

Em primeiro lugar, o artista surdo e o professor surdo são colagens justapostas, necessárias na didática da invenção surda.

Em segundo lugar, no momento em que a língua portuguesa perde seu aspecto central, ganham terreno o corpo, a oralidade, a *sina-*

lidade e o visual, porque volta-se ao referente (ao objeto, à situação propriamente dita, referenciada, mais próxima do real). Porém isso não significa abrir mão do território simbólico.

Em terceiro lugar, a consciência da substância visual pelos que veem não é algo inato. Há os ambientes artístico, cultural e pedagógico a serem considerados, pois, no caso da escola, a imagem carece de atributos para agir como elemento educacional.

Em quarto lugar, alguns dos instrutores e professores surdos e não-surdos bilíngues dominam ou possuem intuições (*feeling*) sobre os usos do letramento visual e o fazem por meio de trocas de experiência com pares, professores ou intérpretes, em incursões experimentais das práticas pedagógicas voltadas à surdez.

PENSAMENTO E LINGUAGEM: POR QUE SE IMPORTAR COM O HOMEM E AS SUAS EXTENSÕES TECNOLÓGICAS?

Um professor surdo ou um professor não-surdo bilíngue e consciente da elaboração de sua prática pedagógica podem usar uma série de objetos ou artefatos educacionais para harmonizar o verbal e o visual, para transmitir informação, para a construção efetiva do conhecimento. A multiplicidade de formas de linguagens (literatura, teatro, música, desenho, pintura, gravura, escultura) e os canais em que as linguagens se materializam (foto, cinema, televisão, jornal, rádio) precisam de uma clareza quanto às instrumentações práticas e conceituais, de modo a obtermos uma formação que conduza ao letramento visual (alfabetismo visual) para educadores.

Observamos alguns recursos e/ou produtos recorrentes na prática pedagógica ou na didática de surdos as quais catalogamos: Recurso da fotografia para composição de imagens, Recurso de videoaula, videoenciclopédico, vídeo de divulgação, videorreportagem, vídeo narrativo e outros, tais como as Monografias Acadêmicas em Libras.

SOFISTICAÇÃO VISUAL, O ANDAMENTO DA PESQUISA NO DESU

A coprodução ou mais formalmente a pesquisa-ação inclui, atualmente, a formação dos participantes do Grupo de Pesquisa (GP) “Educação, mídias e comunidade surda”⁶, em que alunos de graduação e pós-graduação, professores do ensino básico e superior e tradutores-intérpretes de Libras participam na condição de pesquisadores de uma nova etapa de catalogação e de aprendizado de produção de vídeos. Muitos dos pesquisadores deste GP estão em dupla inserção: de copartícipes na elaboração de didáticas em escolas públicas e, agora, também, de copartícipes de elaborações conceituais mais densas sobre as suas próprias práticas em seus artigos científicos.

⁶ Grupo de Pesquisa “Educação, mídias e comunidade surda”, certificado pela CAPES, iniciado em junho de 2015 no Departamento de Educação (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), sob a liderança dos Professores Adjuntos, Cristiane Correia Taveira e Luiz Alexandre da Silva Rosado, com período de execução de projeto (3 anos): agosto de 2015 a agosto de 2018. A proposta de investigação possui três eixos: a educação bilíngue de pessoas surdas (língua portuguesa / Libras); o uso de mídias analógicas e digitais em ações didático-pedagógicas envolvendo a tríade aluno-professor-intérprete de língua de sinais; e como essas ações e seus produtos auxiliam no letramento visual dos alunos surdos.

De acordo com as demandas surgidas e sistematizadas como esta etapa de pesquisa, são feitas oficinas complementares envolvendo conceitos e técnicas de comunicação, design e produção visual (alfabetismo visual), conhecimentos estes partilhados por pedagogos e formandos em Pedagogia, comunicólogos e linguistas. Construimos esta coprodução através de trocas entre os pares e suas necessidades de resolverem problemas durante a consecução de tarefas, sendo um dos destaques o processo de produção de Monografias em Libras com alunos do DESU.

Decorrente de tais ações, os produtos e métodos gerados pelos participantes são coletados e organizados pelos pesquisadores e alunos.

Há tensões entre língua-fonte dos textos científicos e a Libras como língua-alvo, permitindo-nos definir algumas categorias principais da rotina de orientação de monografias em Libras e dando a ideia, brevemente, do percurso realizado. Alguns dos temas são: (a) a elaboração e o uso de glosas e glossinais, (b) a performance de tradução-interpretação, (c) a filmagem-rascunho ou vídeo pré-defesa, (d) o uso de teleprompter, teleponto ou monitor de computador com roteiros, (e) a edição de vídeo para a defesa, o tempo e os equipamentos, (f) a equipe envolvida e as tensões entre pares e línguas.

Em termos de práticas de orientação quanto à Monografia em Libras no DESU, adquirimos simultaneidade de reflexão à própria lógica do bilinguismo, de modo a pensarmos que esta prática - de orientação monográfica - possa alavancar ambas as línguas (Libras e Língua Portuguesa) que se encontram em processo de aprendizagem e aprimoramento para o surdo e o não-surdo - assim como se dá com

qualquer sujeito bilíngue - e, ainda, que as próprias linguagens que envolvem a visualidade, tais como a cinematográfica (filmagem) corroborem a ideia de letramento visual.

Estes aspectos são apenas exemplares em relação ao que ocorre na língua de sinais, da passagem para o texto monográfico, de modo que a narrativa do sinalizante se torne mais coesa e coerente, apresentando clareza e fluidez para seu leitor (correspondente a um espectador de vídeo). A monografia em Libras tem o rigor científico monográfico, no entanto está sujeita às propriedades de um veículo de difusão que não é o impresso: o vídeo. Com o investimento em dissertações e artigos em Libras, a opção de consulta e a referência de material em vídeo, na mesma língua-fonte, modificará o cenário que possuímos hoje no DESU-INES.

RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS INICIAIS...

Observamos que atores surdos e ouvintes bilíngues (Libras, Língua Portuguesa) intencionam ser conscientemente responsáveis sobre:

- *A importância dos variados materiais de comunicação*, das formas e sinais a serem interpretados e re-interpretados pelos alunos.
- *O processo de ensino-aprendizagem do alfabetismo visual ou letramento visual* tanto para o uso do educando quanto para o uso do educador ouvinte e, principalmente, do educador surdo.

- *A preferência de alguns suportes e matrizes de linguagem nas práticas pedagógicas voltadas à surdez* como constituidores da natureza de linguagem e pensamento da pessoa surda.
- *A crítica à passividade diante da construção e da análise de imagens*, do como são produzidas, circulam e se reproduzem dá corpo teórico-prático à necessidade de reflexão sobre os seus sentidos e significados.

No entanto, estes pontos precisam ser amplamente desenvolvidos nos cursos de formação e professores de Pedagogia Bilíngue, pois são escassas as reflexões a respeito.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V. M. (Org.). Escola, didática e interculturalidade: Desafios atuais. In: CANDAU, V. M. *Didática crítica intercultural: aproximações*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 107-138.

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo "a ler" com outros olhos: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. *Cadernos de Educação* (UFPel), v. 36, p. 175-196, 2010.

SANTAELLA, L. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia*. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SANTAELLA, L. *Leitura de imagens*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

TAVEIRA, C. *Por uma didática da invenção surda: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro*. 2014, 365 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.